

O globo e os doze ventos (gravura de Albrecht Dürer para a edição de Estrasburgo da *Geographia* de Ptolomeu, 1513) BGUC J.F.-50-6-3.

“Toda a redondeza do mundo” : Magalhães-Elcano, 1519-1522

Exposição bibliográfica

Sala de São Pedro da Biblioteca Geral da UC

27 novembro 2020-19 fevereiro 2021

Organização:



BIBLIOTECA GERAL
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Apoio:



Abertura

Uma biblioteca é uma janela aberta para o mundo. E, dentro dos seus muros, não se folheiam só livros, revistas e jornais; não se dispõem apenas computadores portáteis, cadernos e materiais didáticos pelas mesas, convidando a longas tardes de estudo por parte de jovens que encontram nas nossas salas de leitura o abrigo quente e iluminado de que não dispõem nos quartos que arrendam e partilham durante todo o ano académico.

Não. Uma biblioteca é muito mais do que isso. Da interação entre o leitor e o conhecimento condensado nos cartazes, nas vitrines expositivas e nas linhas dos livros que os olhos devoram pouco a pouco resulta algo que é, talvez, o principal fator de desenvolvimento da mente humana: a *curiosidade*. Foi ela que, aliada à *necessidade*, nos afastou dos primatas nossos parentes diretos (os mais desenvolvidos dos quais partilham cerca de 98% do nosso código genético) até ao Homem atual, o *Homo sapiens sapiens* que há cerca de 40 mil anos surgiu na Europa, na sequência de um longo processo evolutivo iniciado perto de 150 mil anos antes.

Diversos estudos (destaco os de Nicholas Humphrey, o famoso neuropsicólogo inglês nascido em 1943 e radicado em Cambridge) mostram claramente a importância da interatividade para o

desenvolvimento da inteligência humana. A metáfora clássica é a de Robinson Crusoe, a personagem central do célebre romance de Daniel Defoe publicado pela primeira vez em 1719: só quando encontra o nativo Sexta-Feira é que Robinson, obrigado a uma gestão permanente de emoções, de espaços, de carências, de tentações e de equilíbrios na sua relação com o *outro*, vai ser capaz de mobilizar no mais fundo de si próprio a plenitude fulgurante das suas capacidades. E, como a necessidade aguça o engenho, foi como uma cortina que se rasgou, abrindo novos horizontes ao naufrago que se perdera do Mundo.

As bibliotecas também servem para cruzar biombos e para salvar os naufragos da vida e do conhecimento. Por isso, elas não podem deixar que os leitores se encerrem nos seus casulos de circunstância, dominados pelas demandas pontuais e pelas urgências práticas que resultam dos exames e outros trabalhos académicos. Não. Uma biblioteca viva é um espaço de permanente estímulo à curiosidade e à inteligência dos seus utilizadores. Hoje em dia, os *curricula* universitários são em boa parte (sobretudo na área das Humanidades) construídos para atrair, para *seduzir* os alunos. Mas estes precisam, isso sim, é de ser *desafiados*, postos à prova, interpelados por iniciativas e projetos inesperados e até exteriores às suas áreas de interesse imediato. É isso que faz crescer os nossos jovens leitores e os amadurece, com a força bruta da surpresa e o encanto

da novidade. Isto chama-se convocar o leitor e lembrar-lhe que a vida não se resume no manual que precisa de ser estudado para o exame da semana seguinte.

Por todas estas razões, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, investe, desde há largos anos, muito do seu esforço na organização de exposições didáticas, várias delas itinerantes e bilingues, que apresenta em cenários diversos, consoante as tipologias e as circunstâncias. Em 2020, por exemplo, passaram já – pela Sala de São Pedro, pela Sala do Catálogo ou pelo Piso Inter-médio da Biblioteca Joanina – exposições sobre José Régio, sobre a correspondência do exílio trocada entre os manos Armando e Jaime Cortesão, sobre a Revolução Liberal de 1820, sobre Isaac Asimov, sobre o livro infantil ou sobre Fernando Assis Pacheco, entre outras. Mas havia uma efeméride que, mesmo num ano maldito como o de 2020, nós não poderíamos falhar: a da viagem de circum-navegação iniciada em Sanlúcar de Barrameda, em 1519, por Fernão de Magalhães, na companhia de duas centenas e meia de companheiros, incluindo quatro dezenas de portugueses. Tanto quanto se sabe, foi só em finais de novembro de 1520 que, depois de muitos perigos e aventuras, a pequena esquadra de cinco navios ao serviço do imperador Carlos V (Carlos I de Espanha) encontrou a estreita passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico e penetrou nas águas calmas do ‘Mar do Sul’.

É esse momento mágico que, quinhentos anos depois, a BGUC pretende evocar com a inauguração desta mostra a 27 de novembro de 2020; porque também esse instante simboliza esse curto *caminho das pedras* que nos separa do futuro e da descoberta de um admirável mundo novo. Mas é claro que a exposição considera toda a viagem que Magalhães iniciou e conduziu até à sua morte espúria nas Filipinas, em abril de 1521, aos 41 anos de idade. Como é bem sabido, o projeto sobreviveu ao seu mentor e a viagem de circum-navegação veio a ser completada pelo navegador basco Juan Sebastián Elcano, que em setembro de 1522 aportou em Sanlúcar de Barrameda, ao comando da nau *Victoria*, o único navio sobrevivente da primeira esquadra que deu a volta ao Mundo.

A história desta extraordinária epopeia é, em grande medida, facilitada pela existência de um precioso códice que a BGUC se orgulha de possuir no seu espólio: o diário de Antonio Pigafetta, o marinheiro, geógrafo e escritor italiano (da região de Veneza) que parece ter pago do seu próprio bolso um lugar na expedição que zarpou da atual província de Cádiz em 1519; a Fortuna permitiu que Pigafetta fosse um dos únicos 18 sobreviventes da viagem de 1519-1522, o que torna o seu relato ainda mais valioso.

Assim se juntaram a *vontade* e a *possibilidade*, fazendo com que esta exposição configure um dos momentos mais altos da programação cultural da BGUC em 2020.

Venham os jovens leitores, e os menos jovens, os da comunidade académica e os de toda a região, visitar o que a BGUC, com todo o carinho e com os meios ao seu dispor, preparou para o período compreendido entre 27 de novembro de 2020 e 19 de fevereiro de 2021.

Cabe-me, por fim, fazer aqui alguns agradecimentos sentidos. Ao Dr. António Eugénio Maia do Amaral, Diretor-Adjunto da BGUC e Comissário desta exposição, pela ideia, pelo projeto que esboçou praticamente sozinho e pelo empenho na respetiva concretização. À Estrutura de Missão para o V Centenário da Circum-navegação de Fernão de Magalhães, na pessoa do seu Presidente, Dr. José Marques, pelo apoio e pelo entusiasmo, que nos motivaram e que permitirão que esta mostra possa dar, também ela, a volta ao Mundo! Aos Professores Doutores João Paulo Oliveira e Costa (que também aceitou a fazer a intervenção de fundo na sessão inaugural desta exposição), Francisco Contente Domingues e Vítor Gaspar Rodrigues, pelo aconselhamento científico amigo e muito competente, que nos permitiu construir com muito maior certeza o guião de «Toda a redondeza do Mundo: Magalhães-Elcano, 1519-1522». A todos o nosso bem-haja.

João Gouveia Monteiro

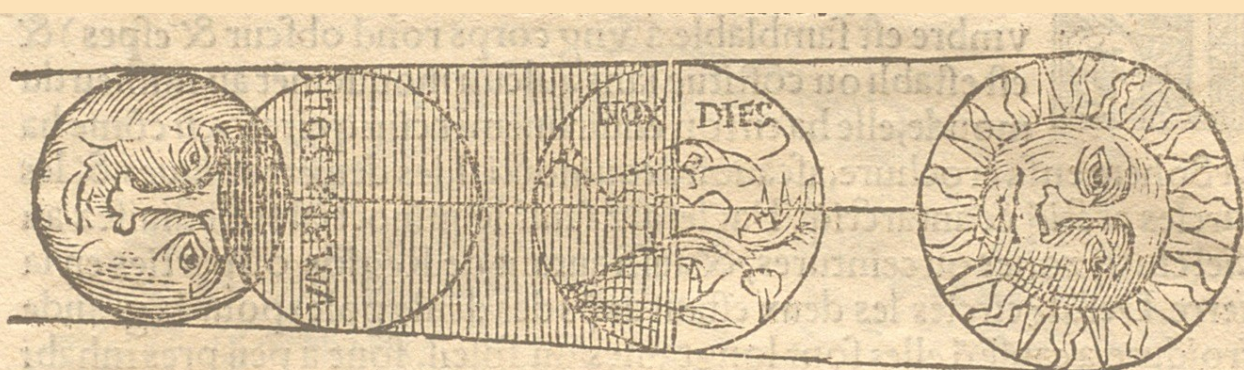
(Professor Catedrático da Faculdade de Letras e Diretor da Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra)

«¿Quién dirá que la nao Victoria, digna, cierto, de perpetua memoria, no ganó la victoria y triunfo de la redondez del mundo ... pues dio vuelta al mundo, y rodeó la inmensidad del gran océano?

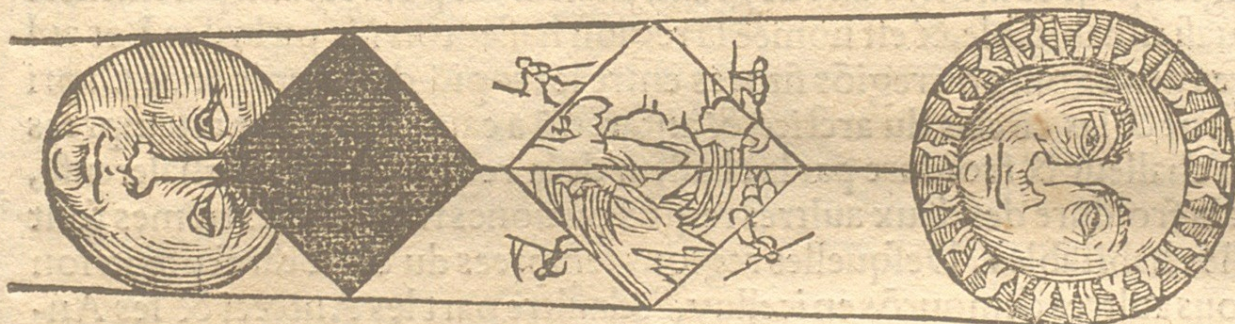
¿A quién no le parecerá que con este hecho mostró, que toda la grandeza de la tierra, por mayor que se pinte, está sujeta a los pies de un hombre, pues la pudo medir?»

(José de Acosta, *Historia natural y moral de las Indias*, Cap. II. BGUC 2-6-18-20)

A forma e as dimensões do planeta



¶ Si la terre estoit quaree ou de quatre coings, lumbre dicelle en leclipse de la lune sembleroit pareillement estre quaree.



Sombras da Terra projetadas na Lua (tirado de *La cosmographie*, de Pedro Apiano. Anvers, 1544)
BGUC R-25-1

Desde Pitágoras que os gregos especulavam sobre a esfericidade da Terra. Aristóteles demonstrou-a com o argumento da sombra projetada durante os eclipses da Lua. E, no século 3 a.C., Eratóstenes de Cirene, o sábio bibliotecário de Alexandria, conseguiu mesmo determinar aproximadamente as suas dimensões: 250 mil estádios gregos de perímetro, equivalentes a 41 mil quilómetros. Hoje, calcula-se a circunferência da Terra em 40.075 km, no Equador.

1.1 O Mundo é redondo

O “rosto” da primeira compilação publicada de relatos de viagens (1507) é ilustrado pela imagem de um mundo esférico e cristianizado pela cruz. Verdadeiro êxito editorial do século 16, esta obra inclui, entre outros, os relatórios da chegada de Cabral ao Brasil e da primeira viagem de Colombo, além das cartas de Amerigo Vespucci ao seu patrono Lorenzo Pietro di Medici.

Fracanzano da Montalboddo, fl. 1507, compil.

Paesi nouamente retrouati et Nouo Mondo da Alberico [sic] Vesputio Florentino intitulado.

Vicentia : Henrico Vicentino & Zãmaria suo fiol, 1507, 3 de Nouembre.

BGUC V.T.-19-7-17



1.2 Na esteira de Colombo

Depois de Eratóstenes, Posidônio de Rodes, refez os cálculos e obteve uma dimensão menor, que nos chegou pelo testemunho de Cleomedes. Ptolomeu adotou-a, o que muito ajudou à argumentação de Colombo e de Magalhães: é que sendo o planeta menor, a Índia estaria mais perto de Espanha, navegando para Ocidente.

Cleomedes, séc. 2

... Meteora graece et latine : A Roberto Balforeo ex ms. codice Bibliothecae illustrissimi Cardinalis Joyosii multis mendis repurgata

Burdigalae : apud Simonem Milangium, 1605.

BGUC 4 A-25-8-15

1.3 Procurando uma passagem

A conjectura do piloto João de Lisboa sobre a facilidade em navegar do Brasil ao Extremo Oriente pois “*não há mais de 600 milhas até Malaca*” foi divulgada na Europa através da *Copia der Newen Zeytung auß Bresillg Landt* (1515) e influenciou Johann Schöner (retrato ao lado) a imprimir um globo que pode ter inspirado Magalhães, ao mostrar um canal na costa brasileira, aos 40 graus Sul.

Johann Schöner, 1477-1547

Opera mathematica.

Norinbergae : in officina Ioannis Montani et Ulrici Neuberi, 1551.

UCFCT Matemática RA. 09.10

1.4 Sem se saberem as longitudes

Sem forma de medir as longitudes no mar, as novas terras descobertas eram colocadas no mapa com muitas imprecisões. Neste mapa-mundi de Lorenz Fries, datado de 1522, o mesmo ano em que a nau Victoria regressava a Espanha, ainda não existe diferença clara entre a América e a Ásia, tal como Colombo julgou, depois da sua primeira viagem ao Novo Mundo.

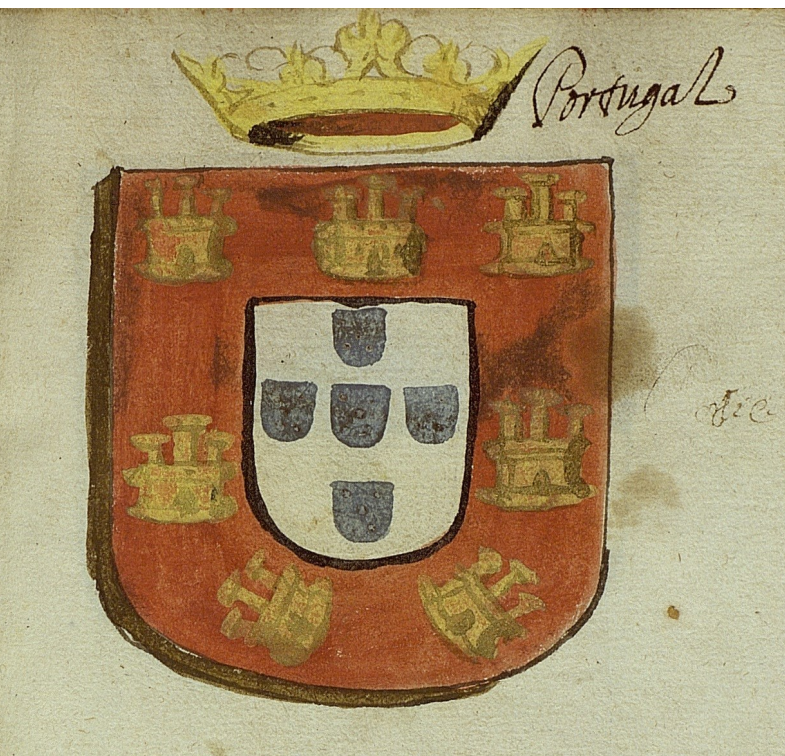
Ptolomeu, séc. 2

... Geographicae enarrationis libri octo / ex Bilibaldi Pirckeymheri tralatione...

Lugduni : ex officina Melchioris et Gasparis Trechsel Fratrum, 1535.

BGUC J.F.-50-6-3





Heráldicas de Portugal e de Castela no borrão manuscrito de *Coplas às armas da nobreza de Portugal*, realizado em Malaca, após 1590.

BGUC V.T.-19-8-27, p. 1, 2

A divisão do globo entre Portugal e Castela



Em 1494, os monarcas portugueses e castelhanos partilharam entre si todo o Mundo (descoberto e a descobrir) num Tratado retificado pelo Papa. Tordesilhas dava a Portugal todas as terras situadas a Oriente de uma linha imaginária norte-sul que passava 370 léguas (1.770 km) a oeste de Cabo Verde e dava a Castela-Aragão todas as terras a Ocidente desse semi-meridiano.

2.1 Divisão por um semi-meridiano

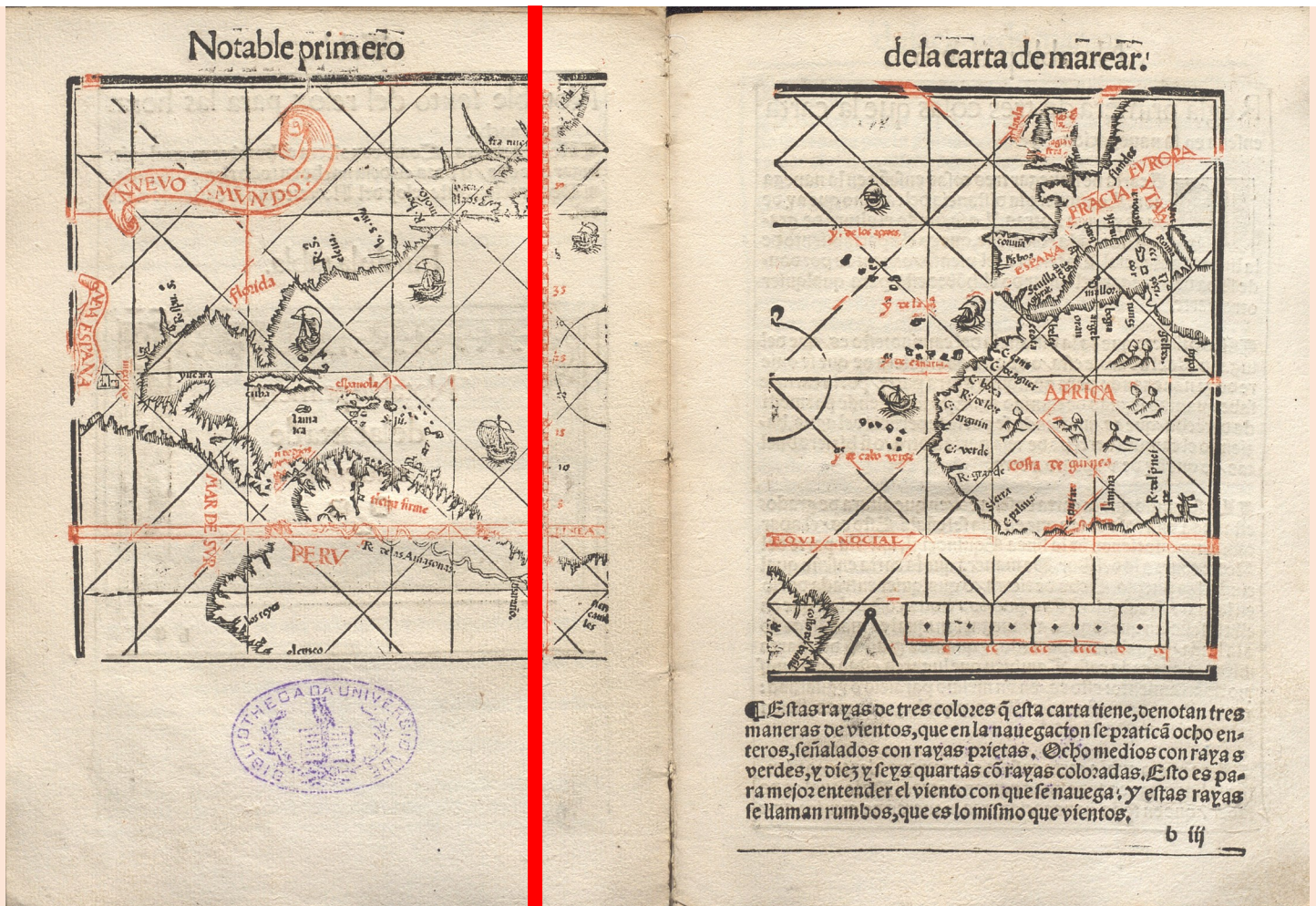
Ficou claro depois de Tordesilhas que Portugal dominaria a maior parte do Atlântico. Nem Castela lhe contestou a posse do Brasil, que depois se veio a descobrir. Com o avanço dos portugueses para Oriente, levantar-se-á a questão de saber por onde passaria a linha oposta a esse limite de Tordesilhas: o chamado anti-meridiano.

Pedro de Medina, 1493?-1567?

Regimiento de navegacion en que se cõtienen las reglas, declaraciones y auisos del libro del arte de nauegar.

En Seuilla : por Juã Canalla, 1552.

BGUC RB-28-22



2.2 E onde passará o anti-meridiano?

O geógrafo sevilhano Martin Fernández de Enciso, o português Pedro Margalho e toda a Escola de Salamanca garantiam a Carlos I que o anti-meridiano de Tordesilhas se situava a 200 léguas de Malaca, deixando as Molucas, o único lugar onde se produzia o cravinho da Índia, dentro do hemisfério espanhol.

TROPICO DE CAPRICORNIO



2.3 Um fantástico “mapa do tesouro”

Antonio de Herrera y Tordesillas, cronista oficial dos Filipes, escreveu no final do século 16, ainda considerava que *“la navegacion y descubrimiento que compete a los Castellanos”* incluía as Molucas, as Celebes, as Filipinas, o Bornéu e, claro, a China e o Japão. Este mapa de Herrera (já atrasado 100 anos) ainda se publicava na edição de 1725 ou 1730.

António de Herrera y Tordesillas,
1559-1625

Descripcion de las Indias Occidentales...

Madrid : en la Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730.

Data emendada na portada gravada.

BGUC 1-16-11-231 (vol. 1)

Objetivo: as Ilhas das Especiarias



D. Manuel cavalgando um monstro marinho representa o domínio português dos mares. Pormenor da "TABV(la) NOVA PARTIS APHRIC(ae)" em: *Claudii Ptolemaei Alexandrini Geographicae enarrationis ...* (Lyon, 1535). BGUC J.F.-50-6-3

Só em 1510 se revelou a origem do cravinho nas ilhas Molucas, pela publicação do relato de uma viagem (em parte imaginária) à Insulíndia por Ludovico de Varthema. Assegurar o acesso de Castela a tais especiarias foi a grande motivação por trás da viagem de Magalhães, como escreve Maximilianus Transilvanus, em 1522: “*Contudo, quer fosse a avareza, quer a insaciável avidez, com desregrada gula fomos coagidos a procurar as especiarias neste desconhecido mundo**” (trad. de Reis Brasil).

3.1 Um blackout informativo

A Coroa portuguesa queria subtrair às rivais todas as informações de valor estratégico, como a localização de recursos exploráveis, chama-se-lhe ou não uma “política de sigilo”. O completíssimo relatório de Tomé Pires sobre o Oriente só conseguiu ser publicado em Itália numa versão da qual fora removida toda a informação sobre as Molucas e até o nome do seu autor.

* *Adeo hominum protervia salubria quaeque haud longius satis nequet protudere neque quæ luxus et libidinis appetere.*

Tomé Pires, 1465?-ca. 1527

Sommario di tutti li regni, citta & populi orientali...

In:

Giovanni Battista Ramusio, 1485-1557, ed. lit.

Primo volume, & seconda editione delle navigationi et viaggi ...

In Venetia : nella Stamperia de Giunti, 1554. F. 358v-372v.

3 vol.

BGUC 1-6-14-471 (vol. 1)

la maggior parte di loro vestono di panno di bābagio, & di seta, & di questo ne hanno li fagi lunghi cinque quarte, si come habbiamo noi, solamente sono piu larghi; portano nel ver- no feltri in gamba à modo di calze, & di sopra stiuali ben lauorati, che non arriuanò dal gi- nocchio in suso: portano ancho vesti foderate di pelle di castroni, & di altre forti di pelle. al- cuni portano pellicce, & scuffie di rete di seta rotonde, & vi sono panni di colore, come in Portogallo. hanno vn certo modo di poco curarsi della barba, calzano anche calze con scar- pe alla Francese di punta molto ben fatte. vi sono in la China molti porci, vacche, & d'ogni forte di vccelli. beuono gentilmente le beuande fatte à lor modo. laudano molto il nostro vino, & lo beuono grandemente. è gente fiacca, & molle nel suo paese. quelli che vengono à Malaca sono gran bugiardi, & ladri, & questi sono della gente bassa, mangiano con dui les- gnetti piccoli quadri in questo modo, che pigliano la porcellana con là man sinistra, & frale dita della man destra tengono questi legnetti colli quali si seruono della viuanda { come fac- ciamo noi del pirone alla Italiana } & vengono in giunchi à Malaca, con mercantie, & portano seta bianca, damasco, rasi di colori, broccati alla lor guisa, molte perle, & infinita quantità di porcellane di molte forti, rame, allume di rocca, muschio, cassette lauorate con foglie d'oro, cose di lauori fatti di seta per camiscie, & molte altre cose, che non mi vengono in memoria. leuano qui quando si partono da Malaca, pepe, pucò, caco, & qualche poco di garofani. la principal mercantia, che sia in maggior conto, & estimatione fra loro, è il pepe. partono da Ma- laca di Maggio, ò di Giugno, et pongono nel viaggio fra l'andare, et tornare da sette in otto mesi. è sicuro viaggio. La China è terra di molte mercantie, & abbondate di vettouaglie. so- no molto gelosi del lor paese: di forte che da ciascun giunco, che arriua al suo porto, subito vogliono saper la mercantia che gli portano, & gli dimandano quello che egli vuole, ne mai cessano fino à tanto che la sappiano in dui ò tre giorni, & poi se ne vanno al lato del giunco con quāto ha bisogno. & hanno questo ordine fra loro, che niuno possa andare à comprar per minuto nella città, & se alcuno il fa, perde tutta la sua robba, per non voler che entrino nella città, & questo è fatto fra loro per legge, per essere questo porto anticamente con que- sto costume, & iui gli sono portate tutte le mercantie che hāno di bisogno, & leuate le loro, & compito che hanno di fornirsi, & pigliare le vettouaglie, che vi sono abbondatissime, su- bito sono obligati à partirsi senza dimorare iui giorno ne hora.

Qui manca tutta la parte che parla dell'Isule di Maluco, Gilolo, & delle Giaue, & di Sumatra.

3.2 A origem do cravinho da Índia

O cravinho era a mais valiosa das especiarias e era nativa do “Maluco” (do malaio “Maluku”), como os portugueses chamavam ao arquipélago das Molucas, na atual Indonésia. Antes dos portugueses, a especiaria chegava à Europa (Veneza) através dos árabes, que a obtinham em entrepostos javaneses. Garcia de Orta deu-lhe o nome latino que usara Plínio-o-Velho, *Caryophyllum*.

Garcia de Orta, 1499?-1568

Due libri dell'istoria de i semplici, aromati, et altre cose...

In Venetia : Apresso Francesco Ziletti, 1582.

BGUC R-74-41

3.3 Da noz-moscada e da “mácide”

Além do cravinho, o médico sefardita português Garcia de Orta descreveu em Goa outras especiarias da região, a noz-moscada e a raríssima “mácide” ou “macia” (*macis*), obtida do invólucro da semente da mesma planta. Clusius (Charles de l'Escluse, 1526-1609) ilustrará e traduzirá a obra para Latim e irá publicá-la na Oficina de Plantin, divulgando-a por toda a Europa.

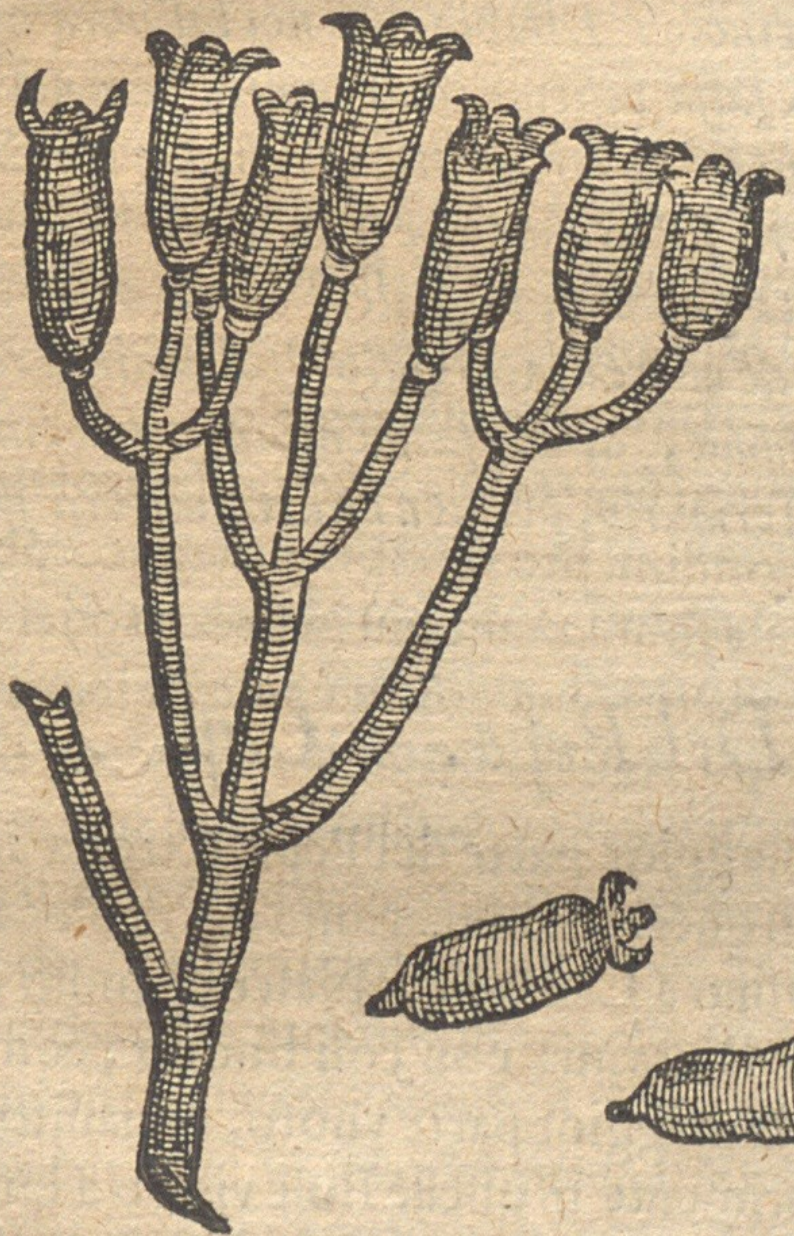
Garcia de Orta, 1499?-1568

Aromatum, et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium história ...

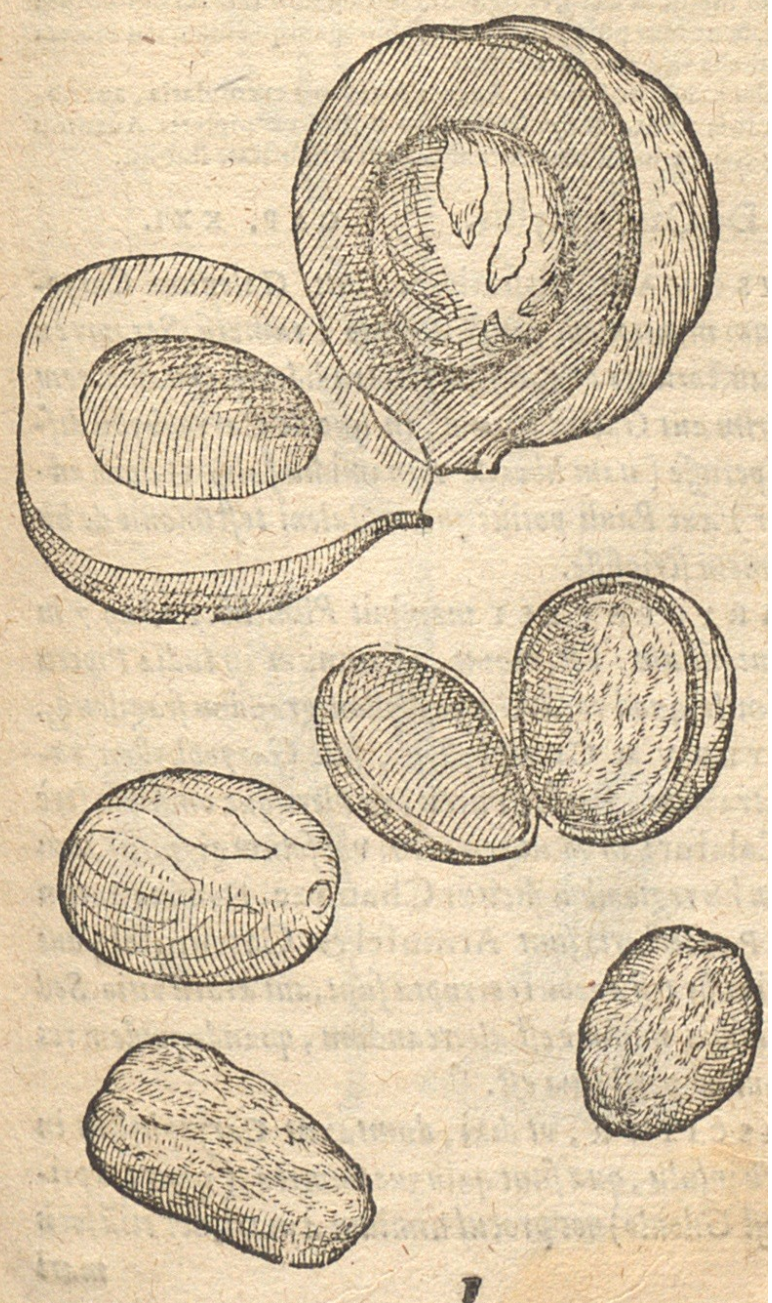
Antuerpiae : Ex Officina Plantiniana : apud Viduam & Ioannem Moretus, 1593.

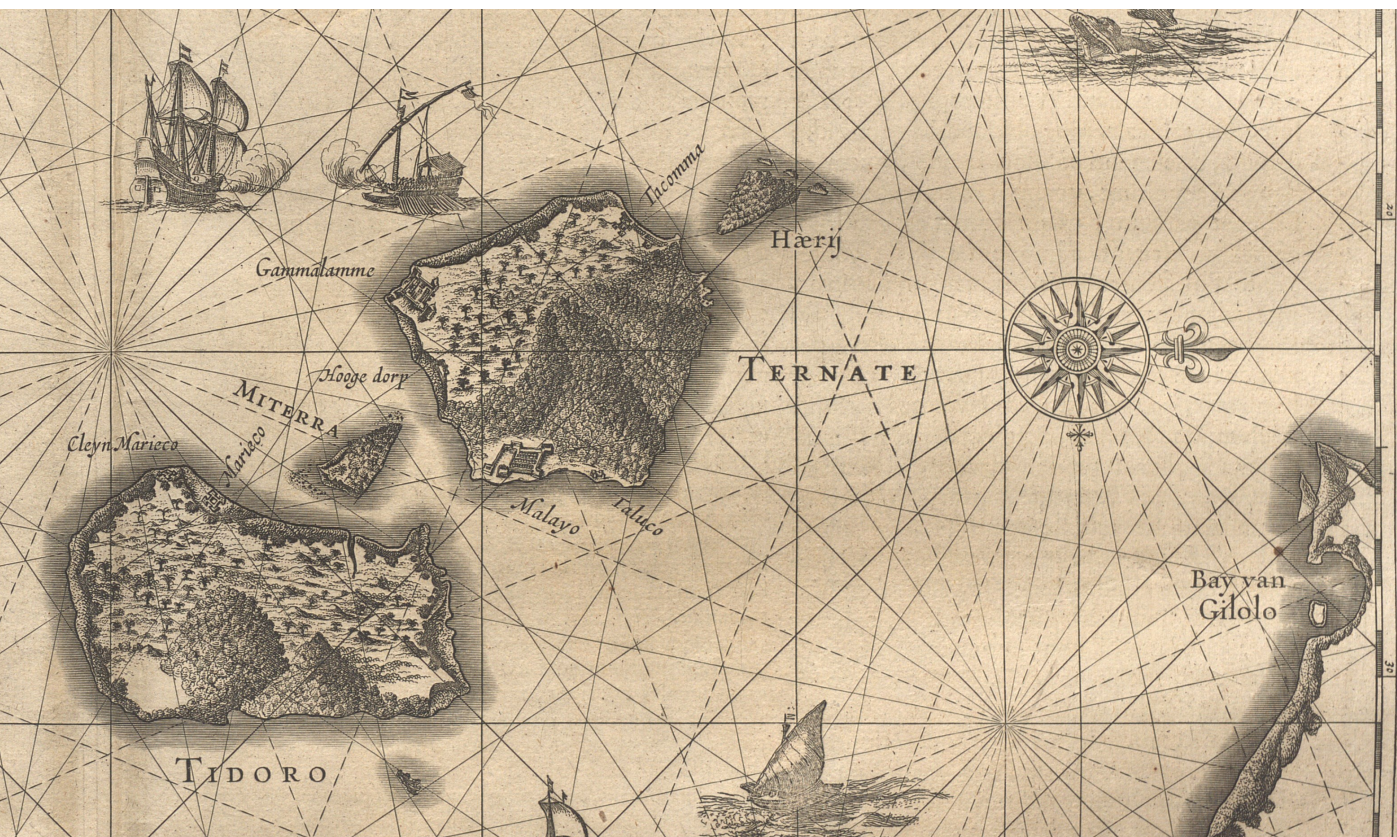
BGUC RB-33-13

R A D E L G A R O F
n la sua foglia, e col frutto.



N V X M Y R I S T I C A C V M E X T E R N O C
R I M E N T O M A C I O B V O L V T A , E T
P V T A M I N E E X E M T A .





3.4 Ternate e Tidore

Os primeiros europeus a chegar (1511) foram os portugueses. Com o acordo do sultão local, que se declarou amigo e vassalo do Rei de Portugal, instalaram-se na ilha de Ternate e aí fariam uma fortaleza, em 1522. Os castelhanos, evitando os portugueses e aproveitando as rivalidades locais, privilegiariam contactos com a ilha rival de Tidore.

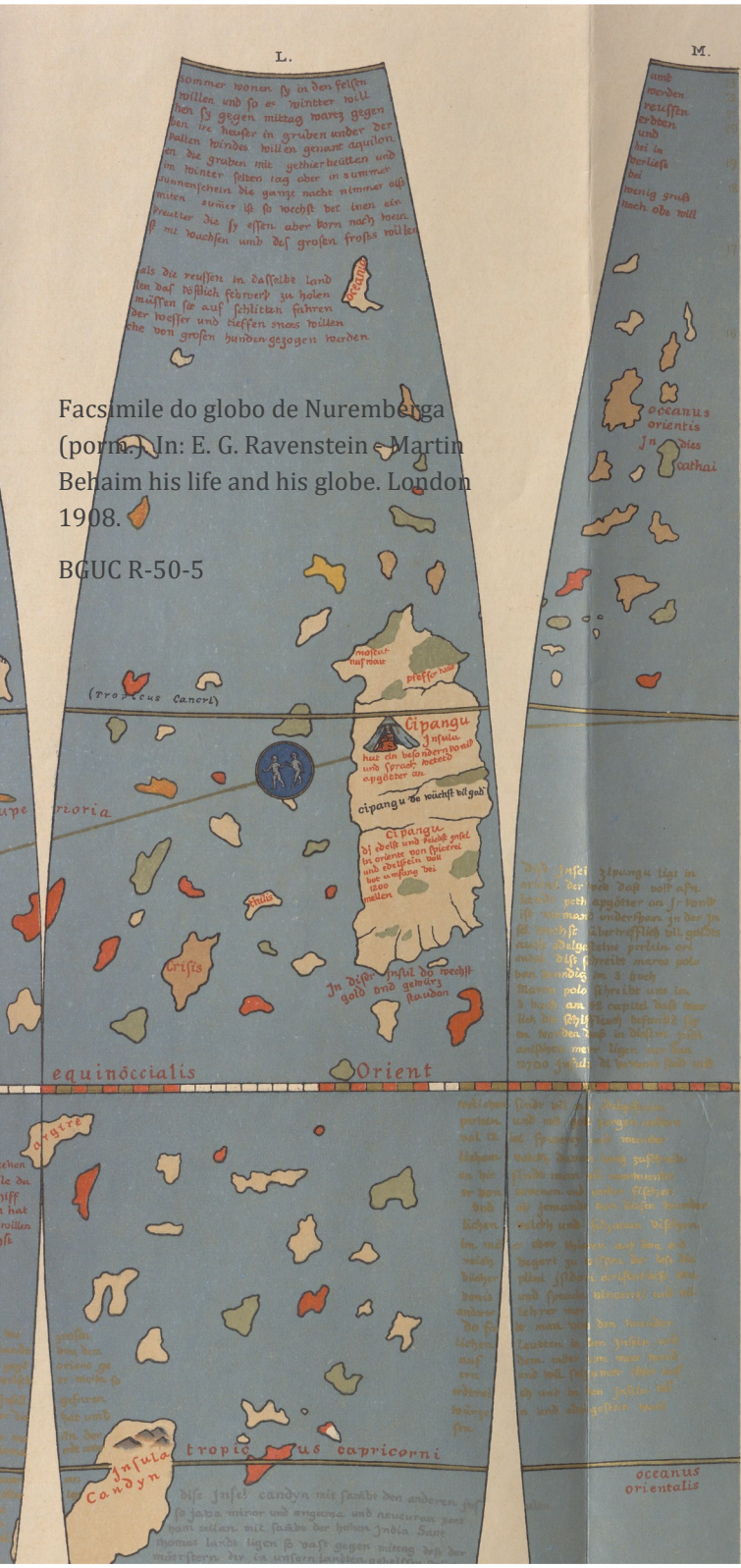
Willem Janszoon Blaeu, 1571-1638

Theatrum orbis terrarum, sive Atlas novus, in quo tabulae et descriptiones omnium regionum.

Amsterdami : apud Iohannem [et] Guiljelmi F. Blaeu, 1645-[1650].

4 vol.

BGUC 1-6-16-572 (vol.2)

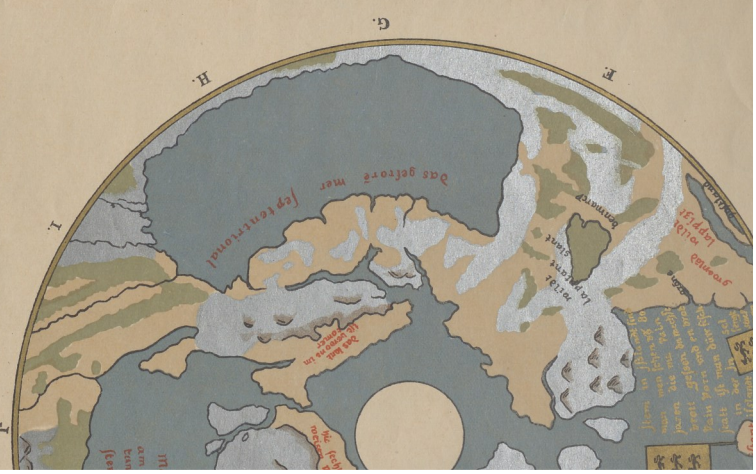


Facsimile do globo de Nuremberga (porm.) In: E. G. Ravenstein e Martin Behaim his life and his globe. London 1908.

BGUC R-50-5



Convencer Carlos I



Escreveu João de Barros que “*El Rey de Castella como estava namorado das cartas e pomas (globos) de marear que Fernam de Magalhães lhe tinha mostrado*” (Década 3^a, f. 147) acolheu a sua proposta de achar um caminho para as Ilhas da Especiarias, navegando pelo hemisfério espanhol. Para sustentar a ideia, Fernão de Magalhães ia munido do conhecimento português: um Regimento do bacharel Rui Faleiro, mapas encomendados aos Reinel e a correspondência trocada com o amigo Francisco Serrão.

4.1 Cumprir um destino imperial

Em 1516, um comentador do Salmo 19 chamava a atenção para a descoberta de “novas terras”, iniciada por Cristóvão Colombo, estar a cumprir as palavras do Rei David “*a Sua voz ressoa por toda a Terra e as Suas palavras até aos confins do mundo*”*. Tal desígnio elevava-se bem à altura de um rei que tinha adotado como lema pessoal “*Plus ultra*” (Mais além).

* *In omnem terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrae verba eorum*

Bíblia. A.T. Salmos. Poliglota

Psalterium, Hebr[a]eum, Gr[a]ecum, Arabicu[m], & Chald[a]eu[m], cu[m] tribus latinis i[n]terp[re]tat[i]o[n]ibus & glossis.

[Genuae] : [impressit miro ingenio Petrus Paulus Porrus] : [in aedibus Nicolai Iustini Pauli], [anno christiane salutis, millesimo quingentesimo sextodecimo] [1516].

BGUC RB-21-4

ponit, & manifestat
nox nocti
nunciat scientiam,
ū lamentationis, & nō sunt
umultus & non
voces eorum. In omnem
ensi sunt effectus eorum,
bis omnia verba eorum,
abernaculum,
ē aut̄ ī illos. Et ipse ī mane
s procedēs de thalamo suo
e, & dum diuiditur dies
gigas, & obseruat
am in fortitudine viam
ptini. Ab extremitatibus
gressus eius,

D. Et in fines mundi
uerba eorum, Saltem
tēporibus nostris q̄b̄
mirabili ausu Christo
phori columbi genu
ensis, alter pene orbis
reperitus est christia
norumq̄ cetui aggre
gatus. At uero quoni
am Columbus frequē
ter p̄dicabat se a Deo
electum ut per ipsum
adimpleretur hec pro
phetia. non alienū exi
stimauit uitam ipsius
hoc loco inferere. Igi
tur Christophorus co
gnomento columbus
patria genuensis, uili
bus ortus parentibus,
nostra etate fuit qui
sua industria, plus ter
rarum & pelagi ex
plorauerit paucis mē
sibus, quam pene reli
qui omnes mortales
uniuersis retro actis
seculis. Mira res, s̄ ta

4.2 **Apresentou-se com um livro na mão**

Em 1518, Fernão de Magalhães levando certamente outra edição (Roma, 1510?) deste livro, cujo autor tinha conhecido em Cananor ou Cochim, foi propor a Carlos I de Castela, futuro Imperador Carlos V do Sacro Império, o projeto de ir até às Molucas (e voltar) navegando pelo hemisfério espanhol e assim demonstrar que as ilhas se situavam na área de influência daquele Rei.

Ludovico de Varthema, 1465-1517

Itinerario del venerable varon micer Luis patricio romano.

[Seuilla] : [por Jacobo cröberger aleman], [1520].

BGUC V.T.-20-10-7

4.3 **Uma larga experiência de Oriente**

Com oito anos ao serviço da Coroa portuguesa, Fernão de Magalhães tinha sido um dos primeiros europeus a conhecer o Sudeste asiático. Castanheda diz que se apresentou ao rei castelhano como “*têdo a certeza õde aquelas ilhas jazião*”, o que é muito exagerado, porque Magalhães não deve ter acompanhado a primeira expedição de António de Abreu, em 1511-1512.

António de Herrera y Tordesillas, 1559-1625

Descripcion de las Indias Ocidentales...
Madrid : en la Oficina Real de Nicolas Rodriguez Franco, 1730.

BGUC 1-24-4-260

Tabula Veri motus Mercurij

♀											
122		123		124		125					
1594		1595		1596		1597					
♄		♄		♃		♃				Signa	
n	g	m	g	m	g	m	g	m			
8	16	39	29	34	11	5	8	26	Aries	♈	0
4	23	30	6	17	16	0	8	25	Taurus	♉	1
43	0	25	12	50	20	14	7	1	Semi	♊	2
11	7	22	19	6	23	26	4	30	ni		2
53	14	28	25	7	25	22	1	48	Lacer	♋	3
47	21	15	0	34	25	48	29	46	Leo	♌	3
50	27	56	5	25	24	32	29	0	Virgo	♍	4
22	1	15	7	30	23	25	29	9	Libra	♎	4
27	7	37	11	4	20	22	0	44	Scoz	♏	5
32	13	34	12	56	17	18	3	38	pio	♐	5
33	19	5	13	18	15	6	7	40	Sagit	♑	6
26	23	58	11	58	14	30	12	38	tarius	♒	6
3	27	48	8	54	15	32	18	14	Capri	♓	7
19	0	19	5	12	18	12	24	26	cornus		7
1	1	12	1	58	22	4	1	3			8
10	0	35	0	29	25	40	6	13			8
41	28	13	0	13	1	10	13	19			9
4	24	20	1	48	7	14	20	38			9
8	55	20	4	48	13	49	28	1			9
							5	28			

Um saber português

Portmenor das Tábulas de Zacuto (Veneza, 1502).

RGUC R-25-2

A viagem de circum-navegação foi feita com meios castelhanos e com tecnologias portuguesas, superiores na construção naval, na instrumentação, na cartografia. Mas, para lá das tecnologias, a modernidade científica começou no início do século 16 com os portugueses, que rejeitaram os Antigos a favor da experiência como único critério de verdade, muito antes de Galileu, Bacon, Descartes ou Newton.

5.1 **Desconstruindo o mundo medieval**

Figuras como Duarte Pacheco Pereira, Fernando de Oliveira, Diogo de Sá, Garcia de Orta ou D. João de Castro não só observaram, experimentaram e descobriram, como teorizaram, no Portugal do século 16, o primado da experiência para o entendimento do mundo. Esta atmosfera científica “moderna” estava generalizada entre as elites portuguesas ligadas à expansão.

Diogo de Sá, fl. 1549

De nauigatione libri tres quibus mathematicae disciplinae explicantur ...

Parisiis : ex officina Reginaldi Calderii, et Claudii eius filii, 1549.

BGUC R-24-16



De Navigatione
 LIBRI TRES:
 Quibus Mathematicæ disci-
 plinæ explicantur : ab Iacobo
 à Saa Equite Lusitano nuper
 in lucem editi.



Da Livraria de M. de Coimbra

PARISIIS.

Ex officina Reginaldi Cal-
 derij, & Claudij
 eius filij.

1549.

Cum priuilegio Regis.



5.2 O incontornável Zacuto

Abraão ben Samuel Zacuto tinha trabalhado, até 1496, como astrónomo da Corte portuguesa e publicou em Leiria as suas tábuas de declinação do Sol, simplificadas pelo judeu português José Vizinho. Na segunda Década da sua *Historia General*, Antonio de Herrera y Tordesillas confirma o uso pelos pilotos de Magalhães das “*tablas del Zacuto*”, no Rio de Janeiro.

Abraão Zacuto, ca. 1450-ca. 1532

Almanach perpetuu[m] exactissime
nuper eme[n]datu[m] omniu[m]
celi motuum cum additionib[us] in
eo factis tenens complementum.

[Venetijs] : [per Petrus Liechtenstein], [15 de julho de 1502].

BGUC R-25-2

5.3 A matematização do mundo físico

O Cosmógrafo-mor Pedro Nunes (1502-1578) foi dos maiores matemáticos do seu tempo. O professor da Universidade de Coimbra escreveu que “*manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes, não se fizeram, indo a acertar; mas partiam os novos mareantes mui ensinados, e providos de instrumentos e regra de astrologia. Levavam cartas mui particularmente rumadas e não já as de que os antigos usavam*” (Tratado em defesa da carta de marear, 1539).

Pedro Nunes, 1502-1578

Libro de Algebra en arithmetica y geometria.

En Anvers : en casa de los herederos d'Arnoldo Birckamn a la Gallina gorda, 1567.

BGUC R-16-7

5.4 **Matemáticas aplicadas**

A ideia de que Portugal no século 16 só produziu o “grande” Pedro Nunes, esquece todas as matemáticas associadas às necessidades do comércio e do cálculo. Nomes hoje quase esquecidos no domínio das matemáticas são os de Gaspar Nicolas, Domingos Peres, Ruy Mendes e Bento Fernandes.

Gaspar Nicolas, séc. 16

Pratica d'arismetica.

Envers : Erederos de Arnoldo Byrkman, 1573.

BGUC RB-16-21

5.5 **Contra o “sigilo”, a espionagem**

Jaime Cortesão encontrou evidências na correspondência diplomática espanhola da ambivalência ou mesmo da corrupção de astrónomos e cartógrafos portugueses, Diogo Lopes de Sequeira, Lopo Homem (ambos representantes portugueses na Junta de Badajoz-Elvas), Simão Fernandes e um dito “el Negro”, que será o afro-lusitano Pedro Reinel (ca. 1462-ca. 1542).

Jaime Cortesão, 1884-1960

Carta de Jaime Cortesão para Armando Cortesão, [França], 9 maio 1939 [manuscrito]. 1 f. (4 p.)

BGUC Ms. AC 3 / 46

Não parti tho o seu captivo no -
lu os deslizes do proprio Honorem.
O texto e bastante claro a esse
propósito. Sobre Diego Lopez
segueiro são varias cartas do em-
baixador que o attestam. Here-
ceu - se reiteradamente para
passar ao serviço de Carlos V.; di-
zia que "Maluco es de V. Mag.
cõ mas de ciento y ochenta leguas.
asy q' me q' otras partes donde esta
la pivienda son de V. Mag., etc.;
e quando foi nomeado para a confe-
rencia do Badajoz, foi logo comu-
nicado ao embaixador castel-

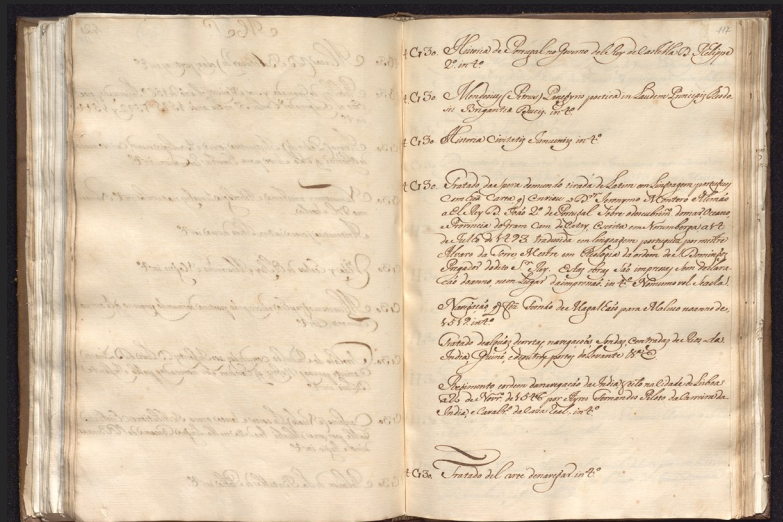
As fontes da época

Navegação do Sr. Fernão de Magalhães para o Mar do Sul de 1519. int.º

Entrada nos borrões do catálogo de manuscritos da Biblioteca Real do Paço da Ribeira de um volume em português, que terá ardido no terramoto de 1755 e que poderia ser um texto hoje perdido ou mais um exemplar do chamado “relato do piloto genovês”.

Index dos manuscritos da Livraria do Rey de Portugal [manuscrito]. [1738-1742].

BGUC Ms. 1018, f. 117



Além das fontes literárias, são importantes para o conhecimento da viagem de Magalhães-Elcano os interrogatórios a marinheiros, os roteiros dos pilotos e os relatórios enviados para o Rei português a partir das Molucas, que se conservaram manuscritos. Aqui, mostram-se apenas algumas das fontes publicadas no século 16 e inícios do 17.

6.1 A carta de Maximiliano Transilvano

O primeiro relato em latim que, pela sua novidade, foi logo impresso em Colónia (janeiro de 1523), fora enviado ao cardeal-arcebispo de Salzburgo, Matthäus Lang (1469-1540) por Maximiliano Transilvano (Maximiliaen von Sevenborgen), que entrevistou os sobreviventes da viagem à sua chegada a Espanha, em 1522.

Maximilianus Transylvanus, ca. 1490-
ca. 1538

Epistola ... nellaquale si descriue l'admirabile & stupenda nauigatione...

In:

Il viaggio fatto da gli spagnivoli a torno a'l mondo.

[Venezia] : [Stamperia de Giunti], 1536.

BGUC R-35-6

IL VIAGGIO
FATTO DA GLI SPA
GNI VOLI A
TORNO A' L
MONDO.

Con Gratia per Anni. XIII.



M D X X X V I.

DESCRITTIONE SECONDA DEL

sopradetto viaggio, quale scrisse copiosamente messer Antonio Pigafetta Vicentino Cavalier di Rhodi, il quale visi trouo, & era scritto al Reuerendissimo gran maestro di Rhodi messer Philippo di Villiers Lisleadam, & cominciò nel 1519 & il ritorno fu nel 1522 alli 7 di Settembre.

Capitolo. I.

IL primo capitolo contiene la epistola, & come cinque nauí si partirono dal porto di Sibia, & il principal Capitano era Hernando Magaglianes, & de li segni che gli marinari faceuano la notte con fuoco chi a quelli dauanti, & per liquali si intendeuan l'un con l'altro, quel che haueuan a fare, & delli ordini che haueuan le nauí, & delle vele, quali faceuan in quelle.

2 Ali. x. di Agosto 1519 questa armata di cinque nauí, sopra le quali erano circa 237 huomini forniti di tutte le cose necessarie, si parti del porto di Sibia, donde corre il fiume Guadalchibir detto dalli antiqui Betis, d'appresso vn luogo nominato Giouan Dulfaraz, oue sono molti casali di Mori, & arriuorono ad vn castello del Duca di Medina Sidonia, oue e' il porto, dalqual si entra nel mar oceano, & al capo di San Vincentio, qual e' lontan dal Equinottiale gradi. 37. & lontan dal detto porto leghe. 10. & di li a Sibia sono da. 17. in. 20. leghe. In questo stettono alcuni giorni per fornir l'armata d'alcune cose, che gli mancauano, & ogni giorno vdirono messa, & nel partir si confessarono tutti, ne volsero che alcuna femina andasse con loro al detto viaggio.

3 Ali 20 di Settembre si partirono dal detto porto, & dirizzorono il suo camino verso Gherbino, & alli 26 del detto mese giunfero ad vna dell'Isole Canarie detta Tenerife, qual e' 25 gradi sopra l'equinottiale, per pigliare acqua, & legne. Tra queste Isole Canarie n'è vna, doue non si troua acqua, se non che di continuo ad hora di mezzo di par che

D

6.2 O testemunho de Pigafetta

O testemunho presencial que Antonio Pigafetta redigiu em francês e ofereceu pelas cortes europeias só foi impresso anos mais tarde, primeiro abreviadamente em francês e, depois, nesta tradução em italiano. É considerada a principal fonte literária sobre a expedição de Magalhães-Elcano.

Antonio Pigafetta, ca. 1480-ca. 1534

Descrittione seconda del sopradetto viaggio.

In:

Il viaggio fatto da gli spagnivoli a toro a'l mondo.

[Venezia] : [Stamperia de Giunti], [1536].

BGUC R-35-6

6.3 A chegada à historiografia

As primeiras referências à viagem publicadas em Espanha existem nas *Décadas* de Pedro Mártir, na raríssima edição de Alcalá, de 1530, que a BGUC não possui. Só em 1552, se volta a fazer uma extensa referência a Magalhães, nos capítulos 90 a 97 da *Historia general* de Francisco López de Gómara, que existe nos nossos fundos e se mostra aqui.

Francisco López de Gómara, 1511-1562?

La Historia general de la Indias, y todo lo acaescido en ellas dende que se ganaron hasta agora. Y la conquista de Mexico, y de la nueva España.

En Anvers : por Martin Nucio, [1554].

2 vol.

BGUC R-7-15 (apenas o vol. 1)

6.4 Em letra de forma, em Coimbra

Castanheda foi o primeiro cronista português a referir-se numa obra impressa à viagem, que trata com mais detalhe no Livro VI (cap. vi-x), publicado em 1554. Os oito volumes da *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses* de Castanheda começaram a editar-se em 1551, em Coimbra, onde Castanheda era Bedel de Artes e Guarda da Livraria da Universidade.

Fernão Lopes de Castanheda, m. 1559

História do descobrimento e conquista da India pelos portugueses.

Coimbra : por João de Barreyra : [João Alvarez], 1551-[1561].

[8] vol.

BGUC V.T.-18-9-6 (Livro 6, vol. 5)

6.5 As fontes privilegiadas de Barros

João de Barros descreve a viagem nos capítulos 8 a 10 da sua *Década* terceira. Tendo sido feitor da Casa da Índia e da Mina, conheceu detalhes sobre a estadia dos espanhóis nas Molucas, por via do relato do seu parente Duarte de Resende, que teve na mão papéis dos cosmógrafos Rui Faleiro e Andres de Sán Martín, além dos inquiridos aos sobreviventes da travessia do Pacífico.

João de Barros, 1496-1570

Terceira decada da Asia de Joam de Barros : dos feytos que os portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente.

Em Lisboa : Por Joam de Barreira, 1563.

Biblioteca Central UCFL CF D-8-15

6.6 Visto pelo cavaleiro António Galvão

No mesmo ano em que Barros edita a sua Terceira *Década*, publica-se também em Lisboa, postumamente, o estimado *Tratado* de António Galvão. Apesar de ter sido comandante da fortaleza de S. João Batista de Ternate, nas Ilhas Molucas, a passagem da “Armada das Especiarias” ocupa-lhe aí poucas folhas (44v-45 e 46v-47).

António Galvão, 1490?-1557

Tratado ... dos diuersos & desuayrados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India às nossas partes ...

[Lisboa] : em casa de Ioam da Barreira, Rua de Sã[o] Mamede, 15 Dezembro 1563.

BGUC R-14-4

6.7 A visão de Damião de Góis

Como não podia deixar de ser, o cronista Damião de Góis refere-se à “traição” de Fernão de Magalhães na Quarta Parte da sua *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*. A sua fonte é sobretudo Barros. Mostra-se aqui um dos 3 exemplares da edição *princeps* que a BGUC possui nos seus fundos reservados e que também disponibilizou na biblioteca digital *Alma Mater*.

Damião de Góis, 1502-1574

Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel composta per Damiam de Goes diuidida em quatro partes...

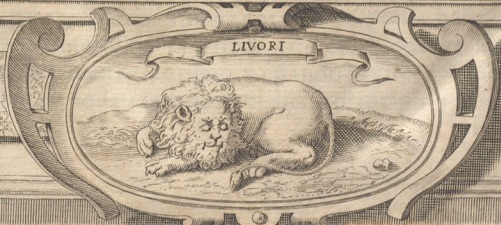
Em Lisboa : em casa de Francisco Correa, 1566-1567.

4 v.

BGUC RB-22-6

CONQVISTA
DE LAS
ISLAS MALVCAS
OR
ALREY FELIPE III. N. S.
Escrita por el Licen.^{do} Bartolome
Leonardo de Argensola capellan
de la Magestad de la Emperatriz
y Rector de Villahermosa

UNIVERSIDAD
0455
COTABOLA



6.8 A crítica de Jerónimo Osório

O humanista D. Jerónimo Osório acentua no seu *De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae* impresso em Lisboa, por António Gonçalves, em 1571 (ou 1572), a questão moral da “traição” e as questões científicas da determinação da longitude, mas da viagem propriamente pouco diz.

Jerónimo Osório, 1506-1580

De rebus Emmanuelis regis Lusitaniae invictissimi virtute et auspicio gestis libri duodecim.

Olysippone : apud Antonium Gondisalu[m], 1571.

BGUC V.T.-18-10-22

6.9 A última fonte

Porque representa o fim do ciclo moluquenho, fechamos esta bibliografia quinhentista sobre Magalhães-Elcano com a obra já tardia de Bartolomé de Argensola, que trata especificamente da conquista das Molucas, uma encomenda feita ao autor pelo presidente do *Consejo de Indias*, Don Pedro Fernández de Castro, Conde de Lemos (1576-1622).

Bartolomé Leonardo de Argensola, 1562-1631

Conquista de las islas Malucas al rey Felipe III N.S.

En Madrid : por Alonso Martin, año 1609.

BGUC 1-21-5-332

Circulus Aequinoctialis.

O valor da viagem de Magalhães-Elcano



*Prima ego velivolis ambivi cursibus Orbem,
Magellane novo te duce ducta freto.
Ambivi, meritoq; vocor VICTORIA: sunt mi
Vela, alæ; precium, gloria; pugna, mare.*

A nau *Victoria*, num exemplar do atlas de Ortelius, colorido

BGUC R-70-11

Magalhães realizou um feito extraordinário de navegação por mares totalmente desconhecidos, mas foi morto nas Filipinas, numa bravata suicidária. Elcano conseguiu trazer a nau *Victoria* de volta a Espanha, completando a viagem de circum-navegação sem apoios em terra e evitando os navios portugueses. Ambos foram extraordinários e devem ser comemorados. Comemorar quer dizer “lembrar em coletivo” o que deve ser feito por Portugal e por Espanha, sem vedetismos nem exclusividades.

7.1 A circum-navegabilidade do globo

Nesta obra geográfica, Piccolomini (o futuro Papa Pio II) duvidava, como outros intelectuais da Idade Média, da possibilidade de circum-navegação da Terra. Se não demonstrou a esfericidade (que não precisava de mais demonstração), a viagem de Magalhães-Elcano provou, pelo menos, que os mares não eram fechados e que o globo era circum-navegável.

Enea Silvio Bartolomeo Piccolomini,
1405-1464

...Opera geographica et historica...
Helmstadii : Impensis Joh. Melch. Sustermani, [1699].

Acrescento de f. preliminares e novo rosto, com a data de 1707.

BGUC S.P.-Y-2-7

7.2 Os conhecimentos geográficos

A viagem proporcionou-nos a visão de um planeta coberto sobretudo por mares, desvendou a verdadeira dimensão do que se chamava o *Oceanus Orientalis*, ou *Mar do Sul*, conhecido depois de Fernão de Magalhães (que assim o nomeou) como *Oceano Pacífico* e apressou à distinção entre a Ásia e o novo continente americano.

Ptolomeu, séc. 2

Geographia Cl. Ptolemaei Alexandrini / olim a Bilibaldo Pirckheimherio trãslata...

Venetiis : apud Vincentium Valgrisium, 1562.

BGUC 1-6-4-338

7.3 As novas antropologias

Não foram só novas terras e mares, a viagem mostrou novos seres humanos, presentes em todas as latitudes do mundo, desde os “gigantes” da Patagónia aos chamorros de Guam (Ilha dos Ladrões), que desconheciam a propriedade privada e que tomaram posse de tudo o que lhes agradou nos navios da “Esquadra das Especiarias”.

Joris van Spilbergen, 1568-1620

Miroir Oost en West-Indical, auquel sont descriptes les deux dernieres Navigations, faictes es années 1614, 1615, 1616, 1617, & 1618...

Amstelredam : chez Ian Iansz. sur l'Eau, a la Pas-carte, 1621.

BGUC 1-6-10-233

CARTA MARINA NUOVA TAVOLA



"Carta marina nuova tavola" onde, depois de Magalhães, ainda a América parece ligar-se firmemente à Ásia.

7.4 Mal-visto em Portugal

Portugal parece não ter perdoado a traição do português mais famoso em todo o mundo. Sintomático disso mesmo é que do testemunho essencial de A. Pigafetta se tenham feito (até 1975) 10 edições francesas, 14 italianas, 15 espanholas, 14 inglesas e apenas 1 tradução portuguesa, que aqui se mostra. Só recentemente o texto em português voltou a ficar acessível entre nós.

4º Visconde de Lagoa, 1898-1957

Fernão de Magalhães : a sua vida e a sua viagem.

Lisboa : Seara Nova, 1938.

2 vol.

I. Hist Exp Ultramarina UCFL 6-3-25/26 (VL)

Magalhães realizou um feito extraordinário de navegação por mares totalmente desconhecidos, mas foi morto nas Filipinas, numa bravata suicidária. Elcano conseguiu trazer a nau *Victoria* de volta a Espanha, completando a viagem de circum-navegação sem apoios em terra e evitando os navios portugueses. Ambos foram extraordinários e devem ser comemorados. Comemorar quer dizer “lembrar em coletivo” o que deve ser feito por Portugal e por Espanha, sem vedetismos nem exclusividades.



Retrato imaginário de Fernão de Magalhães, gravura em metal por Nicolas de Larmessin (1632-1694). Bruxelas, 1695. BGUC 1-23-11-201



Conceito e textos:

A. E. Maia do Amaral

Apoio científico:

Francisco Contente Domingues

João Paulo Oliveira e Costa

Vítor Luís Gaspar Rodrigues

Traduções em inglês:

Marta Amaral

David Hardisty

A. E. Maia do Amaral

Tradução em espanhol:

María Luisa Aznar

Grafismos:

Nuno Nina Martins (Noozle Lda.)

Digitalizações:

José Neto

Logística:

José Joaquim Simão

Margarida Quenteira

Carla Simões

Samuel Arrojado

Humberto Martins

Promoção:

Ana Laura Martins

Apoios:

EMCFM - Estrutura de Missão V Centenário Circum-navegação Fernão de Magalhães (2019-2022)

Produção:

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, nov. 2020.



**MARCA DO
PATRIMÓNIO EUROPEU**

